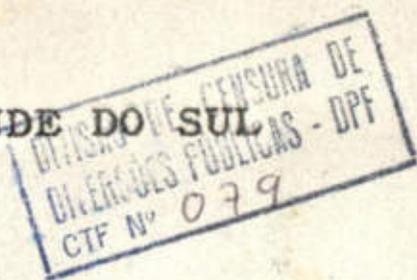


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Instituto de Artes
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA



O CASAMENTO FORÇADO

de Molière

tradução de Maria José de Carvalho

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

1977

O CASAMENTO FORÇADO

PERSONAGENS

SGANARELLO

JERÔNIMO

DORIMENA, jovem namorada, prometida
a Sganarello

ALCANTOR, pai de Dorimena

ALCIDAS, irmão de Dorimena

LICASTO, amante de Dorimena

DUAS CIGANAS

PANCRÁCIO, doutor aristotélico

MARFÚRIUS, doutor pirroniano

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA I — SGANARELLO, JERÔNIMO

SGANARELLO — Volto já. Cuidai bem da casa, como se deve. Se alguém vier me trazer dinheiro, ide procurar-me de pressa em casa do senhor Jerônimo; e se me vierem pedi-lo, dizei que saí e não voltarei por todo o dia.

JERÔNIMO — Está aí uma ordem bem prudente.

SGANARELLO — Ah, senhor Jerônimo, encontro-vos a propósito, pois ia à vossa procura.

JERÔNIMO — E para quê, se posso saber?

SGANARELLO — Para vos comunicar algo que tenho na cabeça e pedir vossa opinião a respeito.

JERÔNIMO — Pois não. Folgo muito com o encontro; podemos falar aqui mesmo à vontade.

SGANARELLO — Cobri-vos, por favor. Trata-se de algo importante, que me propuseram; e convém nada fazer sem consultar os amigos.

JERÔNIMO — Obrigado por me haverdes escolhido para tal. Dizei-me, pois, de que se trata.

SGANARELLO — Mas conjuro-vos antes, a não me lisonjeardes de modo algum, dizendo-me claramente o que pensais.

JERÔNIMO — Assim será, já que o desejais.

SGANARELLO — Não há nada mais condenável que um amigo que não usa de franqueza conosco.

JERÔNIMO — Tendes razão.

SGANARELLO — E nos tempos que correm, acham-se bem poucos amigos sinceros.

JERÔNIMO — Isso é verdade.

SGANARELLO — Prometei-me, pois, senhor Jerônimo, falar-me com tôda franqueza.

JERÔNIMO — Prometido.

SGANARELLO — Jurai-o por vossa fé.

JERÔNIMO — Sim, pela fé de amigo. Dizei-me de que se trata.

SGANARELLO — É que eu desejava saber de vós se faria bem em casar-me.

JERÔNIMO — Quem, vós?

SGANARELLO — Sim, eu mesmo, em pessoa. O que achais?

JERÔNIMO — Peço-vos que antes me digais uma coisa.

SGANARELLO — O quê?

JERÔNIMO — Que idade podeis ter agora?

SGANARELLO — Eu?

JERÔNIMO — Sim.

SGANARELLO — Palavra, que não sei; mas sinto-me bem.

JERÔNIMO — Como? Não sabeis mais ou menos vossa idade?

SGANARELLO — Não; pensa-se lá nisso?

JERÔNIMO — Dizei, por favor: quantos anos tínheis quando nos conhecemos?

SGANARELLO — Ora, não mais que vinte anos.

JERÔNIMO — Quanto tempo estivemos juntos em Roma?

SGANARELLO — Oito anos.

JERÔNIMO — Quanto tempo ficastes em Inglaterra?

SGANARELLO — Sete anos.

JERÔNIMO — E na Holanda, para onde fostes logo depois?

SGANARELLO — Cinco anos e meio.

JERÔNIMO — Há quanto tempo chegastes aqui?

SGANARELLO — Cheguei em cinqüenta e seis.

JERÔNIMO — De cinqüenta e seis a sessenta e oito vão doze anos, se não me engano. Mais cinco anos na Holanda, dezessete; mais sete anos em Inglaterra, vinte e quatro ;oito em Roma, trinta e dois; e vinte, que tínheis quando nos conhecemos, são exatamente cinqüenta e dois; de modo que, segundo vosso próprio depoimento,

estais beirando os cinqüenta e dois ou cinqüenta e três anos, senhor Sganarello.

SGANARELLO — Quem, eu? Não pode ser.

JERÔNIMO — Deus meu, o cálculo está certo; e assim sendo, dir-vos-ei francamente, como amigo, pois que assim mo fizestes prometer, que o casamento já não está para vós. É algo em que os jovens devem pensar bem maduramente antes de o fazer; mas as pessoas da vossa idade não devem nem sequer cogitar nisso; e já que dizem que a maior das loucuras é casar, nada se me afigura pior que fazê-lo justamente no tempo em que se deve ter mais juízo. Enfim, digo-vos claramente o que acho. Não vos aconselho a pensar em casamento, e achar-vos-ia o sujeito mais ridículo do mundo, se, tendo sido até o momento livre, vos fôsseis agora acorrentar com o mais pesado dos grilhões.

SGANARELLO — E eu digo-vos que estou decidido a casar-me e que não serei de modo algum ridículo casando-me com a môça que pretendo.

JERÔNIMO — Ah, isso é outra coisa: não me háveis dito nada.

SGANARELLO — Ela me agrada e amo-a de todo o coração.

JERÔNIMO — Vós a amais de todo o coração?

SGANARELLO — Certamente, e já a pedi ao pai.

JERÔNIMO — Já a pedistes?

SGANARELLO — Sim. O casamento deve-se realizar esta noite, pois já dei minha palavra.

JERÔNIMO — Oh, casai-vos então: não digo mais nada.

SGANARELLO — Deverei desistir? Parece-vos, senhor Jerônimo, que não estou em condições de pensar numa mulher? Não falemos da idade que eu possa ter, e consideremos apenas os fatos. Haverá homem de trinta anos que pareça mais jovem e vigoroso que eu? Não tenho, porventura, todos os movimentos do corpo tão bons como nunca, e já me vistes precisar de carruagem ou liteira para caminhar? Não tenho ainda todos os dentes, e os melhores? Não faço vigorosamente minhas

quatro refeições diárias, e poder-se-á ver um peito mais forte que o meu? (*Tosse*): Hein? Que dizeis?

JERÔNIMO — Tendes razão; enganei-me; fazeis bem em casar-vos.

SGANARELLO — A coisa repugnava-me outrora; mas hoje, tenho poderosas razões para isso. Além do prazer de possuir uma bela mulher, que me fará mil carinhos e mimos, e massagens quando eu estiver cansado, além dessa alegria, digo, considero que ficando solteiro, deixarei perecer no mundo a raça dos Sganarellos, e que, casando-me, poderei sentir o prazer de me ver reviver em criaturas saídas de mim, figurinhas tão parecidas comigo como duas gotas d'água, que estarão constantemente a brincar em casa, me chamarão de papai quando eu chegar da cidade e me dirão as mais agradáveis tolices. Parece-me já estar vendo uma meia dúzia delas em volta de mim.

JERÔNIMO — Não há nada mails agradável, e aconselho-vos a casar-vos o quanto antes.

SGANARELLO — Deveras mo aconselhais?

JERÔNIMO — Certamente. Não poderíeis fazer coisa melhor.

SGANARELLO — Estou realmente encantado ao receber tal conselho de um verdadeiro amigo.

JERÔNIMO — E quem é, se posso saber, a pessoa com quem vos ides casar?

SGANARELLO — Dorimena.

JERÔNIMO — A jovem, graciosa e elegante Dorimena?

SGANARELLO — Ela mesma.

JERÔNIMO — Filha do senhor Alcântor?

SGANARELLO — Exatamente.

JERÔNIMO — E irmã de um tal Alcidas, metido a espadachim?

SGANARELLO — Isso mesmo.

JERÔNIMO — Santo Deus!

SGANARELLO — Que dizeis disso?

JERÔNIMO — Bom partido! Casai-vos prontamente.

SGANARELLO — Não tive razão na escolha?

JERÔNIMO — Sem dúvida. Ah, como estareis bem casado! Aviai-vos.

SGANARELLO — Vossas palavras me enchem de alegria. Agradeço-vos o conselho e convido-vos para as bodas, hoje à noite.

JERÔNIMO — Não faltarei. E quero ir de fantasia, a fim de melhor vos honrar.

SGANARELLO — Vosso criado.

JERÔNIMO — A jovem Dorimena, filha do senhor Alcântor, com o senhor Sganarello, que tem apenas cinquenta e três anos! O' que belo casamento! Que belo casamento!

SGANARELLO — Esse casamento deverá ser feliz, pois que agrada a todo mundo, e todos a quem dêle falo, se riem. Sou agora o mais contente dos homens.

CENA II — DORIMENA, SGANARELLO

DORIMENA — Vamos, menino, segura bem a cauda e não te ponhas a brincar. (1)

SGANARELLO — Aí vem minha senhora. Ah, como é encantadora! Que ar! Que corpo! Haverá homem que ao vê-la não sinta comichão de casar-se? Onde ides, meu bem, cara espôsa futura de vosso futuro espôso?

DORIMENA — Vou fazer umas compras.

SGANARELLO — Pois bem, minha bela, vamos ser ambos felizes agora. Não mais tereis direito de me recusar nada; e eu poderei fazer convosco tudo o que me aprouver, sem que ninguém se escandalize. Sereis minha da cabeça aos pés, e eu dono de tudo: de vossos olhinhos vivos, vosso narizinho maroto, vossos lábios apetitosos, vossas orelhas amorosas, vosso lindo queixinho, vossos seiinhos redondinhos, vosso...; enfim, tôda vós estareis à minha mercê, e poderei acariciar-vos à vontade. Não estais contente com o matrimônio, minha amável menina?

DORIMENA — Contentíssima, juro-vo-lo; já que, enfim, a severidade de meu pai me tem tido até aqui numa das mais deploráveis sujeições. Há não sei quanto

tempo que me consumo de raiva da pouca liberdade que me dá, e mil vêzes desejei casar-me para logo sair da opressão em que assim vivo e me ver em condições de fazer o que bem me parecer. Graças a Deus, viestes felizmente para isso, e preparo-me, já agora, para me divertir e recuperar o tempo perdido. E já que sois um homem de bem e sabeis como se deve viver, acho que faremos o melhor casal do mundo, pois não sereis jamais dêsse maridos incômodos que querem que suas mulheres vivam como bichos do mato. Confesso-vos que não me acomodaria a tal, pois a solidão me desespera. Adoro os folguedos, as visitas, reuniões, jantares e passeios, numa palavra, tôdas as coisas quẽ dão prazer, e deveis ficar encantado de ter uma mulher do meu gênio. Nunca teremos nenhuma desavença, e jamais vos constrangerei em vossas ações, assim como espero que não me constranjais nas minhas; pois, quanto a mim, acho que deve haver mútua complacência, e que a gente não se deve casar para infernizar ninguém. Enfim, viveremos casados, como duas pessoas que sabem viver em sociedade. Nenhuma suspeita de ciúme nos perturbará o juízo, pois basta que estejais certo da minha fidelidade como eu persuadida da vossa. Mas que tendes? Vejo-vos com a fisionomia transtornada.

SGANARELLO — São vapores que me acabam de subir à cabeça.

DORIMENA — É um mal que hoje ataca muita gente; nosso casamento porém vos dissipará tudo isso. Adeus. Já é tempo de eu ter roupas decentes para tirar logo êstes andrajos. Vou andando comprar tudo o que preciso e mandar-vos-ei as contas.

CENA III — JERÔNIMO, SGANARELLO

JERÔNIMO — Ah, senhor Sganarello, estou encantado de vos ver agora aqui; acabo de encontrar um ourives, que tendo ouvido dizer que procurais um belo anel de diamante para presentear vossa espôsa, me pediu encarecidamente que vos falasse em seu nome,

para dizer-vos que êle tem o mais perfeito diamante para vender.

SGANARELLO — Meu Deus! Não há pressa.

JERÔNIMO — Como? Que quer isso dizer? Onde está o ardor que ainda há pouco mostráveis?

SGANARELLO — Surgiram-me, há instantes, pequenos escrúpulos sôbre o casamento. Gostaria, antes de ir mais longe, de explorar bem até o fundo a matéria, e que alguém me explicasse um sonho que tive esta noite, e que acaba de me voltar à mente. Sabeis que os sonhos são como espelhos em que se descobre às vêzes, tudo o que nos vai acontecer. Parecia-me que estando num navio, em mar encapelado...

JERÔNIMO — Senhor Sganarello, tenho agora que tratar de algo, que me impede de ouvir-vos. Aliás, não entendo nada de sonhos; e quanto à questão do casamento, tendes dois sábios, dois filósofos vossos vizinhos, gente capaz de vos perorar sôbre tudo o que é possível dizer a êsse respeito. Como são de seitas diferentes, podeis examinar suas opiniões diversas sôbre o caso. Quanto a mim, contento-me com o que vos disse e aqui estou para vos servir.

SGANARELLO — Êle tem razão. Preciso consultar essa gente sôbre a dúvida em que me encontro.

CENA IV — PANCRÁCIO, SGANARELLO

PANCRÁCIO (2) — Ora, sois um impertinente, meu amigo, um homem banível da república das letras.

SGANARELLO — Ah, bem, êste vem a calhar.

PANCRÁCIO — Sim, eu te sustentarei por vivas razões, que não passas de um ignorante, ignorantíssimo, ignorantificante e ignorantificado por todos os casos e modos imagináveis.

SGANARELLO — Querelou com alguém. Senhor...

PANCRÁCIO — Queres te meter a argumentar e não sabes nem sequer os elementos da razão.

SGANARELLO — A cólera não o deixa ver-me. Senhor...

PANCRÁCIO — É uma proposição condenável em todos os terrenos da filosofia.

SGANARELLO — Devem tê-lo irritado muito. Eu...

PANCRÁCIO — *Toto coelo, tota via aberras.* (3)

SGANARELLO — Beijo-vo-las mãos, senhor doutor.

PANCRÁCIO — Vosso criado.

SGANARELLO — Posso...

PANCRÁCIO — Sabes lá o que fizeste? Um silogismo *in balordo*. (4)

SGANARELLO — Eu vos...

PANCRÁCIO — A maior é inepta, a menor impertinente e a conclusão ridícula.

SGANARELLO — Eu...

PANCRÁCIO — Prefiro arrebentar a ter que admitir o que dizes, e sustentarei minha opinião até à última gota de tinta.

SGANARELLO — Será que?...

PANCRÁCIO — Sim, defenderei essa proposição, *pugnis et calcibus, unguibus et rostro*. (5)

SGANARELLO — Senhor Aristóteles, pode-se saber o que vos põe tão furioso?

PANCRÁCIO — O caso mais justo do mundo.

SGANARELLO — E o que, pois?

PANCRÁCIO — Um ignorante quis me sustentar uma proposição errônea, uma proposição espantosa, horrenda, execrável.

SGANARELLO — Posso perguntar o que é?

PANCRÁCIO — Ah, senhor Sganarello, tudo está hoje subvertido; o mundo caiu numa corrupção geral; espantosa licenciosidade reina por tôda a parte; e os magistrados, estabelecidos para manter a ordem neste estado, deveriam corar de vergonha, ao ter de suportar um escândalo tão intolerável como êste de que vos falo.

SGANARELLO — Como assim?

PANCRÁCIO — Não é algo horrível, algo que clama aos céus por vingança, ter que agüentar que se diga públicamente a forma de um chapéu?

SGANARELLO — Como?

PANCRÁCIO — Afirmo que se deve dizer a figura de um chapéu e não a forma, uma vez que existe uma

diferença entre a forma e a figura, pois que a forma é a disposição exterior dos corpos animados, e a figura, a disposição exterior dos corpos inanimados; e como o chapéu é um corpo inanimado, deve-se dizer a figura de um chapéu e não a forma. Sim, sois um ignorante, não há outra palavra; pois trata-se de termos expressos por Aristóteles no capítulo *da Qualidade*.

SGANARELLO — Pensei que tudo estivesse perdido. Senhor doutor, não vos preocupeis mais com isso. Eu...

PANCRÁCIO — Estou com uma raiva que não me agüento.

SGANARELLO — Deixai a forma e o chapéu em paz. Tenho algo a vos comunicar. Eu...

PANCRÁCIO — Refinado impertinente!

SGANARELLO — Acalmai-vos, por favor. Eu...

PANCRÁCIO — Ignorante!

SGANARELLO — Meu Deus! Eu...

PANCRÁCIO — Querer me sustentar semelhante proposição!

SGANARELLO — Êle não tem razão. Eu...

PANCRÁCIO — Uma proposição condenada por Aristóteles.

SGANARELLO — Isso é verdade. Eu...

PANCRÁCIO — Em termos expressos.

SGANARELLO — Tendes razão. Sim, sois um tolo e um impudente querendo discutir com um doutor que sabe ler e escrever. Mas o que passou, passou; peço-vos que me ouçais. Venho consultar-vos sôbre uma questão que me preocupa. Pretendo arranjar uma mulher para me fazer companhia no lar. Ela é linda e bem feita; agrada-me muito e está encantada por se casar comigo. Seu pai ma concedeu, mas receio um pouco aquilo que sabeis, isto é, a desgraça da qual não se lamenta ninguém; e bem gostaria de vos pedir que, como filósofo, me dêsseis a vossa impressão. O que achais?

PANCRÁCIO — Antes de admitir que se deve dizer a forma de um chapéu, preferirei admitir que *datur vacuum in rerum natura*, (6) e que não passo de uma bêsta.

SGANARELLO — Diabos o levem! Olá, senhor doutor, dai-me um pouco de atenção. Há uma hora que estou falando, e não me respondeis.

PANCRÁCIO — Perdoai-me. Justa cólera me toma o espírito.

SGANARELLO — Deixei isso de lado e dai-vos ao trabalho de me ouvir.

PANCRÁCIO — Muito bem. Que quereis?

SGANARELLO — Quero falar de algo.

PANCRÁCIO — E que língua quereis usar comigo?

SGANARELLO — Que língua?

PANCRÁCIO — Sim.

SGANARELLO — Ora! a língua que tenho na bôca. Acho que não irei pedir a do vizinho emprestada.

PANCRÁCIO — Quero dizer: que idioma, que linguagem?

SGANARELLO — Ah, isso é outro caso.

PANCRÁCIO — Quereis me falar em italiano?

SGANARELLO — Não.

PANCRÁCIO — Espanhol?

SGANARELLO — Não.

PANCRÁCIO — Alemão?

SGANARELLO — Não.

PANCRÁCIO — Inglês?

SGANARELLO — Não.

PANCRÁCIO — Latim?

SGANARELLO — Não.

PANCRÁCIO — Grego?

SGANARELLO — Não.

PANCRÁCIO — Hebraico?

SGANARELLO — Não.

PANCRÁCIO — Siríaco?

SGANARELLO — Não.

PANCRÁCIO — Turco?

SGANARELLO — Não.

PANCRÁCIO — Árabe?

SGANARELLO — Não, não, francês.

PANCRÁCIO — Ah, francês.

SGANARELLO — Isso mesmo.

PANCRÁCIO — Passai então para o outro lado;

porque êste ouvido aqui destina-se às línguas científicas e estrangeiras, e o outro à língua materna.

SGANARELLO — Quanta cerimônia com tal gente!

PANCRÁCIO — Que desejais?

SGANARELLO — Consultar-vos sôbre uma pequena dificuldade.

PANCRÁCIO — Sôbre uma dificuldade de filosofia, sem dúvida?

SGANARELLO — Perdoai-me, eu...

PANCRÁCIO — Desejais talvez saber se a substância e o acidente são termos sinônimos ou equívocos em relação ao ser?

SGANARELLO — Absolutamente. Eu...

PANCRÁCIO — Se a lógica é uma arte ou uma ciência?

SGANARELLO — Não é isso. Eu...

PANCRÁCIO — Se tem por objeto as três operações do espírito ou apenas a terceira? (7)

SGANARELLO — Não. Eu...

PANCRÁCIO — Se há dez categorias ou sômente uma? (8)

SGANARELLO — Nada. Eu...

PANCRÁCIO — Se a conclusão é da essência do silogismo?

SGANARELLO — Nada. Eu...

PANCRÁCIO — Se a essência do bem se coloca na apetibilidade ou na conveniência? (9)

SGANARELLO — Não... Eu...

PANCRÁCIO — Se o bem e o fim são recíprocos? (10)

SGANARELLO — Ih! Não. Eu...

PANCRÁCIO — Se o fim nos pode comover por seu ser real ou por seu ser intencional? (11)

SGANARELLO — Não, não, não, não, não, com todos os diabos, não.

PANCRÁCIO — Explicai então vossa idéia, pois que não posso adivinhá-la.

SGANARELLO — É o que quero fazer; mas tendes que ouvir-me.

(*Ao mesmo tempo que o doutor*): O que vos tenho a dizer é que pretendo casar-me com uma moça muito jovem e linda. Gosto muito dela e pedi-a ao pai. Mas como apreendo...

PANCRÁCIO (*Ao mesmo tempo que Sganarello*) — A palavra foi dada ao homem para explicar seu pensamento; e assim como os pensamentos são retratos das coisas, as palavras são os retratos dos pensamentos; êsses retratos diferem, porém, dos outros retratos no fato de que os outros retratos são absolutamente distintos de seus originais, e que a palavra encerra em si seu original, pois que outra coisa não é senão o pensamento explicado por um sinal exterior; de onde se deduz, que aquêles que pensam bem são também os que melhor falam. Explicai-me, pois, vosso pensamento pela palavra, que é o mais inteligível de todos os sinais.

SGANARELLO (*Empurra o doutor para casa e puxa a porta para o impedir de sair*) — Raio de homem!

PANCRÁCIO (*Dentro de casa*) — Sim, a palavra é *animi index et speculum*; é o intérprete do coração, a imagem da alma.

(*Sganarello larga a porta. Pancrácio sobe à janela e continua a falar*) — É um espelho que nos reflete ingênuamente os mais arcanos segredos de nossos indivíduos. E já que tendes concomitantemente a faculdade de raciocinar e falar, por que não vos servis da palavra para me fazer compreender vosso pensamento?

SGANARELLO — É o que desejo fazer; mas vós não me quereis ouvir.

PANCRÁCIO — Sou todo ouvidos; falai.

SGANARELLO — Digo, pois, senhor doutor, que...

PANCRÁCIO — Mas sede antes de tudo, breve.

SGANARELLO — Sê-lo-ei.

PANCRÁCIO — Evitai a prolixidade.

SGANARELLO — Ora! Senh...

PANCRÁCIO — Cortai vosso discurso com um apotegma (12) à lacônica.

SGANARELLO — Eu vos...

PANCRÁCIO — Nada de rodeios nem circunlóquios.

(Sganarello, despeitado, por não poder falar, apaña pedras para quebrar a cabeça do doutor.)

Como? Irritai-vos em vez de vos explicar. Sois mais impertinente que o outro, que me quis sustentar que se deve dizer a forma de um chapéu; mas eu vos provarei, em qualquer conjuntura, por razões demonstrativas e convincentes e por argumentos *in barbara* (13) que vós sois e nunca passareis de um animal e que eu sou e serei sempre, *in utroque jure*, (14) o doutor Pancrácio. (O doutor sai de casa)

SGANARELLO — Raio de tagarela!

PANCRÁCIO — Homem de letras, homem de erudição.

SGANARELLO — Ainda...

PANCRÁCIO — Homem de suficiência, homem de capacidade (*indo embora*), homem consumido em tôdas as ciências naturais, morais e políticas (*voltando*), homem sapiente, sapientíssimo *per omnes modos et casus* (15), (*indo-se*) homem que conhece *superlative* (16) fábulas, mitologias e histórias, (*voltando*) gramática, poesia, retórica, dialética e sofística (*indo-se*), matemática, aritmética, ótica, onirocrítica, (17) física e metafísica (*voltando*), *cosmimometria*, (18) geometria, arquitetura, *especulória* (19) e especulatória, (20) (*indo-se*), medicina, astronomia, astrologia, fisionomia, metoposcopia, (21) quiromancia, (22) geomancia, (23) etc.

SGANARELLO — Diabos levem tais sábios que não querem saber de ouvir a gente! Bem que me haviam dito, que seu mestre Aristóteles, não passava de um palrador. Deixa-me ir falar com o outro, que é mais assentado e razoável. Olá!

CENA V — MARFÚRIUS, (24) SGANARELLO

MARFÚRIUS — Que desejais de mim, senhor Sganarello?

SGANARELLO — Senhor doutor, eu precisaria do vosso conselho a respeito de uma pequena questão que

aqui me traz. Ah, a coisa vai bem; êsse, pelo menos, ouve a gente.

MARFÚRIUS — Senhor Sganarello, modificai, por favor, essa maneira de falar. Nossa filosofia manda não enunciar uma proposição decisiva, mas falar de tudo com incerteza, suspender sempre um julgamento; não deveis, por essa razão, dizer: “Eu precisava”; mas “Parece-me que precisava”.

SGANARELLO — Parece-me!

MARFÚRIUS — Sim.

SGANARELLO — De fato. Bem me deve parecer, pois que assim é.

MARFÚRIUS — Não é uma consequência; pode parecer-vos e não ser verdadeiro.

SGANARELLO — Como? Não é verdade que vim aqui?

MARFÚRIUS — Não é certo, pois devemos duvidar de tudo.

SGANARELLO — O quê? Não estou aqui e vós não estais falando comigo?

MARFÚRIUS — Quer me parecer que estais aqui e parece-me que estou falando convosco; mas não é certo que assim seja.

SGANARELLO — Que diabo! Estais zombando. Eu estou aqui e vós estais aí bem claramente, e não há nisso nada de *parece-me*. Peço-vos que nos deixemos de subtilezas e falemos de meu problema. Venho vos dizer que pretendo casar-me.

MARFÚRIUS — Não sei nada disso.

SGANARELLO — Estou-vos dizendo.

MARFÚRIUS — Pode ser.

SGANARELLO — A môça com quem me vou casar é jovem e belíssima.

MARFÚRIUS — Não é impossível.

SGANARELLO — Farei bem ou mal em casar-me com ela?

MARFÚRIUS — Uma ou outra coisa.

SGANARELLO — Ah, ah! Lá vem êle com outra canção. Pergunto-vos se farei bem em casar com a môça de que vos falo.

MARFÚRIUS — Conforme.

SGANARELLO — Farei mal?

MARFÚRIUS — Acidentalmente.

SGANARELLO — Respondei-me às direitas, por favor.

MARFÚRIUS — Essa é minha intenção.

SGANARELLO — Tenho uma grande inclinação pela jovem.

MARFÚRIUS — Pode ser.

SGANARELLO — O pai consentiu.

MARFÚRIUS — Por que não?

SGANARELLO — Mas receio que ela me traia.

MARFÚRIUS — A coisa é admissível.

SGANARELLO — Que achais?

MARFÚRIUS — Não há impossibilidade.

SGANARELLO — Mas que faríeis em meu lugar?

MARFÚRIUS — Não sei.

SGANARELLO — Que me aconselhais?

MARFÚRIUS — O que vos aprouver.

SGANARELLO — É de enlouquecer.

MARFÚRIUS — Lavo as mãos.

SGANARELLO — Diabos carreguem o raio do visionário!

MARFÚRIUS — Será o que houver de ser.

SGANARELLO — Carrasco maldito! Deixa que eu te farei mudar de tom, cão danado de filósofo.

MARFÚRIUS — Ai, ai, ai, ai!

SGANARELLO — Assim ficas pago de tua algarriva e eu satisfeito.

MARFÚRIUS — Como? Que insolência! Ultrajar-me dessa forma! Ter a audácia de bater num filósofo como eu!

SGANARELLO — Corrige, por favor, essa maneira de falar. Deve-se duvidar de tôdas as coisas; assim, não deveis dizer que vos bati, mas que parece que vos bati.

MARFÚRIUS — Ah, vou me queixar ao delegado da sova que levei.

SGANARELLO — Lavo as mãos.

MARFÚRIUS — Estou todo marcado.

SGANARELLO — Pode ser.

MARFÚRIUS — Foste tu que me deixaste assim.

SGANARELLO — Não há impossibilidade.

MARFÚRIUS — Arranjarei uma ordem de prisão contra ti.

SGANARELLO — Não sei nada disso.

MARFÚRIUS — E serás condenado pela justiça.

SGANARELLO — Será o que houver de ser.

MARFÚRIUS — Deixa estar.

SGANARELLO — Como? Não se conseguirá tirar uma palavra positiva dêsse cão, e hei de ficar sabendo o mesmo tanto no fim como no começo? Que devo fazer na incerteza das conseqüências de meu casamento? Nunca homem algum se viu mais atrapalhado que eu. Ah, aí vêm as ciganas, vejamos se me lêem a sorte.

CENA VI — DUAS CIGANAS, SGANARELLO

(As ciganas entram cantando e dançando, com seus pandeiros)

SGANARELLO — São folgazãs. Olá, podeis me tirar a sorte?

PRIMEIRA CIGANA — Sim, meu bom senhor, vamos já tirá-la.

SEGUNDA CIGANA — É só mostrar-nos tua mão com uma moeda, que te diremos algo em teu proveito.

SGANARELLO — Aqui estão minhas duas mãos com o que pedis.

PRIMEIRA CIGANA — Tens uma boa fisionomia, meu bom senhor, uma boa fisionomia.

SEGUNDA CIGANA — Sim, boa fisionomia: fisionomia de um homem que um dia será alguém.

PRIMEIRA CIGANA — Casar-te-ás muito em breve, meu bom senhor, casar-te-ás muito em breve.

SEGUNDA CIGANA — Casarás com uma mulher gentil, uma mulher gentil.

PRIMEIRA CIGANA — Sim, uma mulher que será querida e amada por todos.

SEGUNDA CIGANA — Uma mulher que te fará muitos amigos, meu bom senhor, muitos amigos.

PRIMEIRA CIGANA — Uma mulher que trará abundância a tua casa.

SEGUNDA CIGANA — Uma mulher que te dará uma grande reputação.

PRIMEIRA CIGANA — Serás considerado por ela, meu bom senhor, serás considerado por ela.

SGANARELLO — Muito bem. Mas disse-me, estou ameaçado de ser traído?

SEGUNDA CIGANA — Traído?

SGANARELLO — Sim.

PRIMEIRA CIGANA — Traído?

SGANARELLO — Sim, ameaçado de ser traído.

(Ambas cantam e dançam: La, la, la, la...)

SGANARELLO — Que diabo! Isso não é uma resposta. Vinde cá. Pergunto-vos se serei traído.

SEGUNDA CIGANA — Traído, vós?

SGANARELLO — Sim, serei traído?

PRIMEIRA CIGANA — Vós, traído?

SGANARELLO — Sim, sê-lo-ei ou não?

(Ambas cantam e dançam: La, la, la, la...)

SGANARELLO — Pestes de marafonas, que me deixam na dúvida! Preciso absolutamente saber o destino do meu casamento; e vou para isso procurar êsse grande mágico de que tanto falam, (25) e que por sua admirável arte faz ver o que se deseja. Ora, acho que não é necessário ir ao mágico, pois está aqui quem me vai já mostrar tudo o que eu possa querer saber.

CENA VII — DORIMENA, LICASTO, SGANARELLO

LICASTO — Como assim, bela Dorimena, não estais zombando?

DORIMENA — Não.

LICASTO — Com que então casai-vos mesmo?

DORIMENA — Mesmo.

LICASTO — E serão esta noite as bodas?

DORIMENA — Serão.

LICASTO — E como podeis, cruel, esquecer assim o amor que vos tenho e as obsequiosas palavras que me dissestes?

DORIMENA — Eu? Absolutamente. Continuo a considerar-vos como antes; e meu casamento não vos deve preocupar, pois não me caso com êsse homem por amor; é só pela riqueza que me decido a aceitá-lo. Não tenho nada; vós também não; e sabeis, que sem nada, vive-se mal e é preciso, portanto tentar, a todo custo, enriquecer. Escolhi esta oportunidade para consegui-lo, na esperança de em breve me ver livre do velho tonto com quem me vou casar. Morrerá logo, pois não tem mais de seis meses na pele. Não terei que pedir muito tempo ao céu o feliz estado de viúva, pois garanto-vos que será defunto quando vos digo. Ah, estávamos falando de vós com as melhores referências.

LICASTO — É êsse o senhor...?

DORIMENA — Sim, é o meu noivo.

LICASTO — Permitti que vos felicite pelo casamento e vos apresente ao mesmo tempo meus humildes serviços. Asseguro-vos que vos casais com uma ótima pessoa; e quanto a vós, senhorita, congratulo-me também convosco pela feliz escolha que fizestes. Não poderíeis ter encontrado ninguém melhor, pois vosso noivo tem tôda a aparência de um excelente marido. Gostaria de ser vosso amigo e travar convosco relações de visitas e diversões.

DORIMENA — É uma grande honra para nós. Mas vamos, que tenho pressa, e não nos faltará oportunidade de estar juntos.

SGANARELLO — Estou inteiramente decepcionado com meu casamento e acho que não seria nada mau se me desfizesse do compromisso. Custou-me algum dinheiro; mas é preferível perdê-lo a me expor a algo pior. Tratemos, pois, já de nos safar da enrascada. Olá!

CENA VIII — ALCÂNTOR, SGANARELLO

ALCÂNTOR — Ah, sêde benvindo, meu genro!

SGANARELLO — Vosso servidor.

ALCÂNTOR — Vindes para o casamento?

SGANARELLO — Peço que me desculpeis.

ALCÂNTOR — Asseguro-vos que estou tão impaciente quanto vós.

SGANARELLO — Outro motivo aqui me traz.

ALCÂNTOR — Já ordenei todo o necessário para a festa.

SGANARELLO — Não se trata disso.

ALCÂNTOR — Os violinos estão contratados, o banquete encomendada, e minha filha paramentada para vos receber.

SGANARELLO — Não é isso o que me traz.

ALCÂNTOR — Ficareis finalmente satisfeito, pois nada poderá retardar vosso contentamento.

SGANARELLO — Meu Deus! É outra coisa.

ALCÂNTOR — Vamos, entrai, pois, meu genro.

SGANARELLO — Tenho uma palavrinha a dizer-vos.

ALCÂNTOR — Ah, meu Deus, nada de cerimônias. Entrai logo, por favor.

SGANARELLO — Não. Quero antes falar-vos.

ALCÂNTOR — Quereis dizer-me algo?

SGANARELLO — Sim.

ALCÂNTOR — E o quê?

SGANARELLO — Senhor Alcântor, pedi vossa filha em casamento, é verdade, e vós ma concedestes; porém sou já um pouco idoso demais para ela, e julgo não ser de jeito algum do seu agrado.

ALCÂNTOR — Perdão, minha filha vos acha bem como sois, e estou certo de que viverá muito contente convosco.

SGANARELLO — Não. Tenho de vez em quando espantosas esquisitices, e ela iria sofrer muito com o meu mau humor.

ALCÂNTOR — Minha filha é complacente, e vereis que se acomodará inteiramente a vós.

SGANARELLO — Tenho no corpo algumas enfermidades que lhe poderiam repugnar.

ALCÂNTOR — Isso não é nada. Uma mulher honesta nunca tem repugnância do marido.

SGANARELLO — Enfim, quereis que vos diga a verdade? Não vos aconselho a entregá-la.

ALCÂNTOR — Zombais? Preferiria morrer a ter que faltar à palavra.

SGANARELLO — Meu Deus! Dispensó-vos disso, e...

ALCÂNTOR — Absolutamente. Eu vô-la prometi; e vós a tereis a despeito de todos os demais pretendentes.

SGANARELLO — Diabo!

ALCÂNTOR — Vêde, tenho por vós uma estima e uma amizade tôda particular; recusaria minha filha a um príncipe para dá-la a vós.

SGANARELLO — Senhor Alcântor, agradeço-vos a honra que me fazeis, mas declaro-vos que não me posso casar.

ALCÂNTOR — Quem, vós?

SGANARELLO — Sim, eu.

ALCÂNTOR — E qual a razão?

SGANARELLO — A razão? É que não me sinto talhado para o casamento e quero imitar meu pai e todos os da minha raça, que nunca se quiseram casar.

ALCÂNTOR — Ouvi, as vontades são livres; e não sou homem de contrariar ninguém. Vós assumistes comigo o compromisso de casar com minha filha, e foi tudo preparado para tal; mas já que desejais retirar a palavra, vou ver o que se pode fazer e, em breve, vos darei notícias minhas.

SGANARELLO — Ele é bem mais razoável do que eu pensava; temia que fôsse muito mais difícil me safar. Puxa, quando penso nisso! Fiz muito bem em me livrar dessa história; ia dar um passo do qual talvez me arrependesse para o resto da vida. Mas aí vem o filho com a resposta.

CENA IX — ALCIDAS, SGANARELLO

ALCIDAS (*falando sempre em tom adocicado*) — Senhor, vosso humilde criado.

SGANARELLO — Senhor, e eu o vosso, de todo coração.

ALCIDAS — Meu pai disse-me que viestes desobrigar-vos da palavra.

SGANARELLO — Sim, senhor. Lamento, mas...

ALCIDAS — Oh, não tem importância.

SGANARELLO — Asseguro-vos que estou aborrecido; e gostaria...

ALCIDAS — Não é nada, já disse. (*Apresentando-lhe duas espadas*) Senhor, dai-vos ao trabalho de escolher uma destas duas espadas.

SGANARELLO — Destas duas espadas?

ALCIDAS — Sim, por favor.

SGANARELLO — Para quê?

ALCIDAS — Como vos recusais a casar com minha irmã após a palavra empenhada, creio que não vereis com maus olhos a pequena saudação que vos venho fazer.

SGANARELLO — Como?

ALCIDAS — Outros fariam escândalo e se encolerizariam convosco; mas como somos gente que gosta de tratar as coisas com suavidade, venho cortêsmente dizer-vos que é preciso, se assim o aprovais, que nos batamos.

SGANARELLO — É bem mal encarada a saudação.

ALCIDAS — Vamos, senhor, escolhei, peço-vos.

SGANARELLO — Sou vosso criado. Não me quero bater. Isso são lá modos de falar?

ALCIDAS — Senhor, é preciso que assim seja.

SGANARELLO — Eh, senhor, embainhai lá de novo a saudação, peço-vos.

ALCIDAS — Aviamo-nos: tenho um negócio à minha espera.

SGANARELLO — Não quero saber de nada disso, já disse.

ALCIDAS — Não vos quereis bater?

SGANARELLO — Não, palavra.

ALCIDAS — Mesmo?

SGANARELLO — Mesmo.

ALCIDAS — Pelo menos, não tendes do que vos queixar, pois vêdes que faço as coisas em ordem. Vós nos faltais à palavra; quero bater-me convosco; recusais bater-vos, dou-vos umas pauladas. Tudo em regra. E sois suficientemente homem de bem para não desaproveitar o meu procedimento.

SGANARELLO — Que diabo de homem é êsse?

ALCIDAS — Vamos, senhor, fazei as coisas galantemente, e sem que seja preciso puxar-vos as orelhas.

SGANARELLO — Ainda?

ALCIDAS — Senhor, não quero constranger ninguém; mas tendes que vos bater ou casar com minha irmã.

SGANARELLO — Não posso fazer nem uma coisa nem outra, garanto-vos.

ALCIDAS — Com certeza?

SGANARELLO — Com certeza.

ALCIDAS — Então, com vossa permissão...

SGANARELLO — Ai, ai, ai, ai!

ALCIDAS — Sinto muitíssimo ver-me obrigado a agir assim convosco; mas não cessarei enquanto não me prometerdes bater-vos ou casar com minha irmã.

SGANARELLO — Está bem! Casarei, casarei...

ALCIDAS — Ah, vejo, encantado, que usais do bom-senso e que as coisas se passam suavemente. Pois juro-vos que sois enfim o homem que mais estimo. E ficaria desesperado se me obrigásseis a maltratar-vos. Vou chamar meu pai para lhe dizer que está tudo arranjado.

CENA X — ALCANTOR, ALCIDAS, SGANARELLO

ALCIDAS — Meu pai, eis aí o senhor Sganarello, que resolveu ter juízo e preferiu fazer às coisas de bom grado. Podeis dar-lhe minha irmã.

ALCANTOR — Senhor, aqui está sua mão; não tendes mais que fazer senão dar-lhe a vossa. Louvado seja Deus! Eis-me enfim desobrigado dela, pois que é a vós que já agora compete o cuidado de sua conduta. Vamos pois alegrar-nos e festejar êste feliz casamento. (26)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025